

«... dos velhos está tudo por dizer...» Envelhecimento e representações da velhice na obra de José Saramago

«... dos velhos está tudo por dizer...» Aging and representations of old age in the work of José Saramago

Luís Manuel Tarujo Ferreira

Doutor em Literaturas e Culturas Românicas, especialidade de Literatura Portuguesa (2013), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tem lecionado Português e Literatura Portuguesa no Ensino Secundário e, como Assistente Convidado da Escola Superior de Educação Jean Piaget, desde 1999, as disciplinas de Literatura Portuguesa, Língua e Literatura Portuguesa: Evolução e Didática da Língua Materna, Literatura Infantojuvenil e Expressão Poética e Evolução da Comunicação Linguística e Didática da Língua Materna. Tem participado em vários congressos, em Portugal e no estrangeiro, apresentando comunicações nas áreas do teatro de cordel, da Ekphrasis e da literatura infantojuvenil, temáticas sobre as quais tem publicado livros e artigos. É Investigador do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Email: ltarujo@live.com.pt.

Resumo

A indiscutível pertinência dos estudos sobre a velhice na atualidade prende-se com o facto de, nas últimas décadas, a evolução sociodemográfica exigir que se promovam pesquisas mais aturadas relativas à chamada segunda metade da vida humana. O nosso modesto contributo para a problemática da velhice partirá da obra édita de Saramago, destacando os efeitos da passagem do tempo sobre o indivíduo, desde as manifestações físicas até às alterações decorrentes do estado psicológico que condicionam o comportamento daqueles que, diariamente, se olham ao espelho e facilmente se apercebem de que algo está a mudar. Acreditamos, deste modo, sermos capazes de, com rigor, traçar um retrato completo das manifestações da velhice filtradas pelo olhar sempre atento de Saramago. Ao analisarmos pormenorizadamente os textos saramaguianos, facilmente nos apercebemos de uma visão original do conceito de velhice: onde os outros veem tristeza e desânimo, o escritor vislumbra novas aprendizagens, projetos de vida, relacionamentos intensos e uma criatividade excepcional. Cumpre-nos, por conseguinte, fazer prova de que o idoso deverá ser entendido como um indivíduo em desenvolvimento e esta evolução não tem de ser sempre negativa. Tudo se resume, afinal, a uma noção de perspetiva acerca do mundo e do que nele ocorre. Consequentemente, deparamos com indivíduos (reais ou ficcionais) que, afastados do mundo por diversos motivos, se sentem à deriva, acabando, assim, por antecipar a morte. No sentido inverso, não podemos deixar de assinalar muitas outras pessoas que não esmorecem e conseguem debelar o impacto negativo que o envelhecimento normalmente pressupõe. Encontramos, deste modo, indivíduos que continuam a sentir-se úteis, que conseguem potenciar os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, transmitindo-os aos mais novos, com uma sabedoria ímpar, que não se aprende na escola. Neste sentido, parece-nos lícito afirmar que o retrato que do idoso é feito pelo escritor coincide com um indivíduo experiente, dotado de uma calma que advém do profundo conhecimento do mundo. Marcado fisicamente pela passagem do tempo, não exhibe qualquer sinal de beleza que cativasse os outros. Porém, mesmo alquebrado pela doença, ou desamparado pela sociedade que o vê como um fardo, o idoso terá motivos para se orgulhar da vida que levou e do seu contributo para o desenvolvimento da sociedade e para a educação das gerações mais novas.

Palavras-Chave

Saramago, literatura, sociedade, velhice, morte.

Abstract

The undeniable relevance of studies on old age today is related to the fact that in recent decades sociodemographic evolution has demanded that more thorough research be carried out on the so-called second Half of human life. Our modest contribution to the problem of old age will come from

Saramago's published work, highlighting the effects of the passage of time on the individual, from physical manifestations to the changes resulting from the psychological state that condition the behavior of those who, daily, look at the mirror and easily notice that something is changing. In this way, we believe that we are able to accurately draw a complete Picture of the manifestations of old age filtered by Saramago's Always attentive eye. When analyzing Saramago's texts in detail, we easily perceive an original of old age: Where others see sadness and discouragement, the writer envisions new learning, life projects, intense relationships and exceptional creativity. Therefore, we must prove that the elderly should be understood as a developing individual and this Evolution does not Always have to be negative. It all boils down, after all, to a notion of perspective about the world and what happens in it. Consequently, we come across individuals (real or fictional) who, removed from the world for several reasons, feel adrift, thus ending up anticipating death. On the Other hand, we cannot fail to point out many Other people who do not give up and manage to overcome the negative impact that aging normally entails. In this way, we find individuals who continue to feel useful, who manage to enhance the knowledge acquired throughout life, transmitting it to the younger ones, with a unique wisdom, which is not learned in school. In this sense, it seems fair to say that the writer's Portrait of the elderly coincides with a deep knowledge of the world. Physically marked by the passage of time, it does not display any sign of beauty that captivates others. However, even broken by illness, or abandoned by Society that sees it as a burden, the elder. There will be reasons to be proud of the life They have led and of their contribution to the development of Society and to the education of the younger generations.

Keyword

Saramago, Literature, Society, Old age, Death.

Aquando da recente experiência como docente de Literatura numa Universidade Sénior, ocorreu-nos a ideia de refletir acerca da velhice na obra de José Saramago. Havíamos lido, há algum tempo, umas breves notas sobre o tema e decidimos abordar os escritos do Prémio Nobel numa perspetiva diferente. Apesar de sabermos que iríamos deparar com dificuldades de natureza vária, desde logo acreditámos ser possível proceder a uma análise da obra de José Saramago à luz da temática da velhice, tendo como ponto de referência a própria vida do autor, quando afirma: «Tudo na minha vida aconteceu tarde, mas como tive e continuo a ter a sorte de uma vida longa, permitiu-me viver o que em circunstâncias diferentes não teria sido possível.» (GOMÉZ AGUILERA, 2010, p.55).

Assevera Maria Alzira Seixo que a obra de José Saramago se constitui como um exemplo bem definido das «questões fundamentais que se colocam à atividade dos escritores: relação entre talento, trabalho e maturidade» (SEIXO, 1987, p.3). Se tivermos em conta que Saramago se afirmou como romancista apenas no ano de 1981, com a publicação, a 26 de março, de *Viagem a Portugal*, obra que marca um regresso marcadamente pessoal à literatura de viagens, tendo já festejado o seu 58.º aniversário, e que, com 65 anos, a sua carreira atingiu o apogeu, poderemos concluir que o escritor, em plena maturidade, conhecia, por experiência, todos os constrangimentos – e alegrias, poucas – da terceira idade. É, assim, um escritor que começou o seu ofício quando a maior parte dos autores costuma terminar. Por isso, escreve na velhice como se tivesse apenas 18 anos, ou, como afirma Volker Hage, jornalista e crítico literário alemão, que, quando entrevista o escritor, a ele se refere como o «[o]ctogenário eternamente jovem» (AA. VV., 2011, p. 27). De facto, quase todas as coisas importantes da vida do escritor surgiram depois dos 60 anos, idade em que, comumente, se afirma que já não se espera nada. Mesmo quando recebeu o Prémio Nobel da Academia Sueca era uma pessoa idosa, mas um *jovem* escritor, uma vez que escrevia, com regularidade, há pouco mais de 15 anos. Esta situação é justificada por Saramago: «é como que se tivesse precisado de um amadurecimento muito mais lento do que é normal» (AA. VV., 2011, p. 29). No entanto, acreditamos que, numa tentativa de recuperar o tempo “perdido” numa espécie de *adolescência prolongada*¹, não estava nos planos de Saramago, em 1989, reformar-se, pois

¹ A expressão é usada pelo Prémio Nobel na entrevista a que nos referimos (AA. VV., 2011, p. 29).

sabia ser possível ter outras ideias para escrever. Por isso, nos vinte anos que se seguiram, não lhe faltou inspiração e o legado literário que nos deixou é a prova disso mesmo. Radica desta constatação a tese que pretendemos, de alguma forma, defender: a questão da idade, apesar de se constituir como um tema delicado, não o é em Saramago. A sua perspetiva face ao avanço da idade não deixa de ser surpreendente e tal atitude refletir-se-á, obrigatoriamente, nas personagens idosas que cria. A inquestionável genialidade de Saramago, admitida mesmo por aqueles que discordam das suas perspetivas mais radicais, permitiu-lhe, em vésperas de completar 69 anos, a audácia de escrever *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, em 1991, porventura o romance mais polémico de sempre no nosso país e, decerto, o mais bem escrito, numa época em que já alcançara uma elevada projeção internacional e que, por isso, na opinião da maior parte das pessoas, estava na hora de *gozar os rendimentos*.

É impossível afirmar, no entanto, que José Saramago não se preocupa com a idade. Na verdade, ele sente que a inexorável passagem do tempo começa a deixar marcas, embora não constitua uma obsessão. Admiravelmente, porém, a idade parece não contar no que diz respeito à sua atividade como escritor. Quando José Carlos de Vasconcelos elogia a sua robustez física e conclui que não se dá pelos 81 anos do entrevistado², Saramago confessa:

Eu dou (*risos*). Ou melhor dizendo: no dia a dia não dou muito, mas quando olho para o bilhete de identidade lá está a famigerada data. O importante para mim, em todo o caso, é que creio continuar a dizer coisas que não tinha dito antes e qualquer leitor reconhecerá um novo livro de minha autoria, mesmo sem ninguém lhe dizer quem o escreveu. Ainda não cáí, no entanto, e espero não cair nunca, na repetição de temas – e penso que tenho *arriscado* coisas novas. (VASCONCELOS, 2010, p. 89).

Mais adiante, acrescenta:

Tenho 81 anos, não andarei por cá muitos mais. Isso não me assusta, apenas me preocupa, dói-me profundamente saber que não terei outra vida e sair desta merda de mundo sem nenhuma esperança. Que é feito das grandes esperanças, da felicidade, da fraternidade universal? E o que é que se faz no sentido de modificar séria e responsabilmente tal situação? Por mim, escrevo porque me preocupo com umas quantas coisas fundamentais e penso que tenho de dizer. (VASCONCELOS, 2010, p. 92).

Inclusivamente, nas vésperas da sua morte, quando alinhavava o seu próximo romance – *Albardas* – (que não concluiu), por sentir que ainda havia assuntos a tratar, Saramago, aos 87 anos, continuava ativo mentalmente. Não fora a sua doença, que o impedia de escrever, estamos certos de que terminaria o livro que iniciara antes da fatídica data de 18 de junho de 2010.

Perante a vastíssima obra de José Saramago, deparámos com dificuldades metodológicas de natureza diversa que tivemos de debelar. A mais importante prendeu-se com o facto de termos necessidade de abordar a problemática da velhice sob diversas perspetivas. Deste modo, decidimos centrar o nosso estudo naquilo a que comodamente designamos por *Esfera Íntima*. Trataremos, pois, de compreender os efeitos da passagem do tempo sobre o indivíduo enquanto ser humano, desde as manifestações físicas até às alterações decorrentes do estado psicológico que condicionam o comportamento daqueles que, diariamente, se *olham*

² De facto, José Carlos Vasconcelos confirma esse estado de robustez do escritor várias vezes, como quando relata o momento em que tem de o acompanhar a pé:

O apartamento que recentemente comprou em Madrid (...) fica numa velha rua, a cerca de 20 minutos a pé, na sua passada larga e rápida, que tive dificuldade em acompanhar. Aos 81 anos, Saramago continua em forma e em grande atividade. (VASCONCELOS, 2010, p. 88).

ao espelho e facilmente se apercebem de que algo está a mudar. Acreditamos, deste modo, sermos capazes de, com maior rigor, poder traçar um retrato completo das manifestações da velhice filtradas pelo olhar sempre atento de José Saramago.

Na magistral obra que apresenta Portugal sob o olhar atento e crítico de José Saramago, *Viagem a Portugal*, são-nos apresentadas personagens, na sua maioria anónimas, que ajudam a compor o retrato de um país que surpreende pela beleza e tenacidade. Algumas dessas figuras interessam-nos por, também elas, reais, no caso desta obra, poderem contribuir para esclarecer o conceito de velhice que o autor detém e que revela ao destacar traços que iremos encontrar em personagens de ficção que habitam os textos em estudo. Mesmo o próprio autor do texto não escapa a este rol de indivíduos idosos que se encontram um pouco por todo o país. Saramago assume-se, neste contexto, como um idoso que revisita o seu país natal e sobre ele tece considerações. São vários os exemplos que poderíamos convocar capazes de comprovar o que acabámos de afirmar, como «O viajante não responde. Está a pensar na sua própria infância, nesta sua madura idade (...).» (SARAMAGO, 2011, p. 266).

Em Arraiolos, Saramago depara com um indivíduo idoso e não deixa de descrever o que, no seu corpo, prova que o processo de envelhecimento é impossível de contornar. É de salientar a crueza como o retrato é feito: «Um velho sequíssimo e enrugado, cujas pálpebras, moles, mostram o interior róseo da mucosa, dá as explicações.» (SARAMAGO, 2011, p. 510). De facto, é a este estado que o indivíduo chega quando a idade passa a ser considerável.

Na coletânea de poemas de José Saramago – *Os Poemas Possíveis*³ – deparamos com alguns textos que aludem à condição do idoso. Na nota à segunda edição da obra, em janeiro de 1982, o escritor assume, logo no primeiro parágrafo, de uma forma hiperbólica, a sua vetustez, ao tomar consciência dos anos que passaram desde a primeira publicação: «Aparece esta edição de *Os Poemas Possíveis* dezasseis anos depois da primeira. Não é assim tanto, comparando com os dezasseis séculos que sinto ter juntado à minha idade de então.» (SARAMAGO, 1998, p. 13). Em alguns poemas desta coletânea, Saramago assume, na primeira pessoa, as marcas de velhice, apesar de, no momento em que os publica não ser, ainda, afetado pelo passar do tempo. Na composição intitulada *Passado, presente, futuro*, exclama: «Eu fui. Mas o que fui já me não lembra: / Mil camadas de pó disfarçam, véus, / Estes quarenta rostos desiguais, / Tão marcados de tempo e macaréis.» (SARAMAGO, 1988, p. 38). Parece-nos evidente a alusão à idade do poeta a partir do verso três, quando convoca os *quarenta rostos desiguais*, numa clara assunção das mudanças protagonizadas pelo tempo e que parece não mudar apenas o rosto, mas influir na memória do indivíduo que não consegue abarcar com precisão um período temporal tão vasto.

No poema *Carta de José a José*, o poeta é, ao mesmo tempo, remetente e destinatário de uma missiva escrita pela sombra do próprio escritor que, numa atitude marcadamente autobiográfica, revela ao criador a sua essência. Tentando definir aquilo que o separa «da franqueza de ser e da vontade» (SARAMAGO, 1988, p. 63), o sujeito poético elenca o seguinte: «São cobiças inúteis, vãos desgostos, / São braços levantados e caídos, / São rugas que cortam os cem rostos / Da comédia e do jogo repetidos.» (SARAMAGO, 1988, p. 63).

A personagem central de *Todos os Nomes* chama-se José e tem 50 anos. Não é velho, razão pela qual não deveria ser destacado no presente estudo. No entanto, decidimos incluí-lo no rol dos indivíduos que detêm traços resultantes do processo de envelhecimento, uma vez que a própria personagem se julga velha (e, na verdade, o retrato que dela é feito aponta nesse

³ A publicação destes poemas subsidiários de uma estética neoclássica afigura-se importante, uma vez que a obra marca o regresso de Saramago à escrita literária após um período de cerca de duas décadas de interregno. Para além disso, convém notar que a publicação surge num momento em que o autor tinha já quarenta e quatro anos, em plena maturidade física e intelectual. Apesar de não ser o género pelo qual Saramago ficou famoso, a sua poesia, quase toda inscrita nesta coletânea e em *Provavelmente Alegria*, permitiu-lhe marcar presença na incontornável *História da Literatura Portuguesa*, de Óscar Lopes e António José Saraiva.

sentido). Assim, é o próprio José que refere as limitações físicas, como a dificuldade em permanecer em cima de uma escada durante longos períodos de tempo. Ao estabelecer uma comparação com personagens mais velhas, como é o caso da senhora do rés-do-chão, sente que também ele começa a exibir marcas indeléveis da idade, o que o preocupa bastante: «[...] onde a muita idade se notava era na flacidez da pele do pescoço, provavelmente fixou-se nesse pormenor porque já começava a notar em si próprio este sinal iniludível de deterioramento físico, e ainda só contava cinquenta anos.» (SARAMAGO, 1997, p. 59). São ainda vários os momentos em que o protagonista lamenta a sua juventude distante, usando expressões como «já não sou novo» (SARAMAGO, 1997, pp. 265-266), «em desatinada correria, imprópria da sua idade e da sua condição.» (SARAMAGO, 1997, p. 202) ou «atendendo ao peso da idade» (SARAMAGO, 1997, p. 268). Quando confrontado pela sua interlocutora com a possibilidade de casar, o Sr. José acredita que o tempo para isso terminara: «Case-se, arranje uma mulher, e depois me dirá, Ora, ora, já se me acabou o tempo, Melhor é que não aposte, sabe-se lá o que irá encontrar quando chegar ao fim da sua missão, ou como lhe chamou» (SARAMAGO, 1997, p. 64).

A leitura de *Terra do Pecado* (1947) facilmente revela uma tendência – que Saramago não deseja esconder – para a sobrevalorização das personagens subalternas que competem, em termos de protagonismo, com aquelas a quem se submetem. Por este motivo, não será de estranhar o relevo que Benedita, criada de Maria Leonor, assume na diegese. Trata-se de uma mulher com 42 anos de idade⁴ cuja inclusão na presente investigação é justificada pelo facto de José Saramago a apresentar como uma mulher precocemente envelhecida: «O doente olhou com tristeza as longas mãos, magras e amarelas como as mãos duma velha.» (SARAMAGO, 2010, p.12); «num cansaço que lhe vincava umas rugas fundas, que, partindo das asas do nariz, desciam até aos cantos da boca, descaída e murcha.» (SARAMAGO, 2010, p. 51). Notemos que estamos perante a identificação de duas das mais importantes marcas da passagem do tempo: o envelhecimento das mãos e o surgimento das rugas que não coartam o facto de a personagem não se deixar abater pela idade, apesar de o seu corpo revelar prematuramente mudanças profundas, conforme revela a Maria Leonor:

Quando se chega à minha idade [...], há dois caminhos a escolher. O primeiro, o mais seguido, é o da contemplação passiva, da recordação das alegrias passadas, disfarçando a nossa incapacidade para as sentir de novo; o outro, aquele que eu palmilho, é o da alegria decidida e energética, tanto mais quanto mais raros e brancos vão sendo os cabelos da nossa cabeça, a alegria que não vem do coração como a dos novos, mas sim a que é produto duma determinação toda cerebral, a alegria que se impõe porque vem donde menos se espera, dos velhos. O primeiro caminho é a impotência declarada de viver; o segundo é a vontade tenaz de não ceder nunca, de aguentar a vida enquanto a morte não chega... (SARAMAGO, 2010, pp. 53-54).

Este retrato concorre para a imagem que o autor pretende revelar de Benedita: uma mulher frustrada, que nunca tivera pretendentes e que, já com 42 anos, apenas lhe resta viver com inveja da felicidade alheia. Tenta manipular todos os que a rodeiam, sobretudo a ama, fragilizada sentimentalmente.

De facto, Saramago insiste em fazer notar que muitas personagens que cria são apresentadas como precocemente idosas por motivos diversos. Para além de Benedita, cumpre-nos assinalar outros casos. Em *Levantado do Chão* (1980), detenhamo-nos em João Mau-Tempo. O seu percurso de vida é narrado desde a sua concepção até ao momento da morte, já idoso. Ao contrário de seu pai – Domingo Mau-Tempo – era muito trabalhador e

⁴ Não esqueçamos que a idade da personagem se aproxima da esperança de vida para o nosso país que, em 1947, era de cerca de 53,6 anos para o sexo feminino. Deste modo, Benedita pode ser considerada, sem dúvida, uma personagem idosa.

sempre honrou o nome da família. Foi um dos responsáveis, na obra, pela revolta dos trabalhadores rurais contra a exploração de que eram vítimas pelos senhores do latifúndio. Apesar de ter sido preso, nunca desistiu de sonhar com um mundo mais justo. Com 42 anos, apresenta já características que o aproximam dos mais velhos, como é o caso dos cabelos brancos que, apesar de tudo, são dos poucos que se mantêm na sua cabeça. Vemos surgir, deste modo, com uma personagem que parece ter envelhecido antes do tempo como se a vida o tivesse castigado de tal forma que ia perdendo as forças, avisando-o da inevitabilidade da passagem do tempo. Por isso se diz que «[u]m homem vai assim vivendo, e ainda bem, não está na idade da reforma.» (SARAMAGO, 1980, p. 308). De facto, o labor do campo tem este poder sobre os corpos e João sabe-o bem.

O envelhecimento precoce vitimiza sobretudo as pessoas que têm um ofício bastante exigente a nível físico, como é o caso do trabalho do campo, na obra em apreço. Deste modo, aqueles que conseguem uma longevidade mais acentuada – pois nem a isso chega a maior parte – exibem marcas da passagem do tempo com apenas trinta ou quarenta anos. Deita-se, pois, por terra a verdade proverbial de que o trabalho no campo é saudável:

No geral do latifúndio, os homens e as mulheres têm seu tempo regateado de vida, espanta-se a gente de como alguns vão a velhos, e muito mais quando, passando, encontramos um que à vista é ancião e ouvimos dizer que tem quarenta anos, ou esta mulher murcha e com a face encorreada, ainda não fez trinta, afinal viver no campo não dá vida acrescentada, são invenções da cidade, é como aquele regradíssimo ditado, Deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer, tinha graça vê-los aqui com a mão no cabo da enxada e os olhos no horizonte à espera do sol ou derreados das cruzes ansiando por um anoitecer que nunca mais chega, o sol é um desgraçado, cheio de pressa de sair e com tão pouca de se apagar. Como os homens. (SARAMAGO, 1980, p. 432).

Desmonta-se, também, a verdade insofismável do velho provérbio – *Deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer* – que Saramago glosa. Deste modo, fica provado que o esforço físico tem unicamente como consequência acelerar o processo de envelhecimento. É evidente que, ao referir propositadamente esta situação, o autor do romance pretende chamar a atenção para a vida quase desumana que os trabalhadores dos latifúndios alentejanos são obrigados a cumprir.

Situação semelhante à que temos vindo a constatar nos romances acima aludidos sucede com *Claraboia*. Girando em torno de seis inquilinos de um prédio, o enredo constrói-se na base das relações que entre eles se estabelecem, nem sempre amistosas. Aquando da introdução de uma nova personagem, a mãe de Lídia, o narrador dá-nos a conhecer as características da senhora que, em tudo, se assemelham às das outras pessoas idosas que povoam as obras saramaguianas, apesar de esta estar numa fase inicial do processo de envelhecimento:

A mãe sentou-se num banco. Era uma mulher de pouco mais de sessenta anos, de cabelo grisalho coberto por uma mantilha preta, como preto era o vestido que trazia. Tinha a face mole, com poucas rugas, de um tom de marfim sujo. Os olhos pouco móveis e mortiços, mal defendidos pelas pálpebras quase sem pestanas. As sobrancelhas eram ralas e pequenas, desenhadas como um acento circunflexo. Todo o rosto tinha uma expressão pasmada e ausente.

- Não a esperava hoje – disse Lídia.
- Não é o meu dia, nem costume vir a esta hora, bem sei – respondeu a mãe.
- Tu estás boa?
- Como de costume. E a mãe?
- Cá vou indo. Se não fosse o reumatismo... (SARAMAGO, 1953, p. 78).

Os achaques da senhora são os usuais em indivíduos muito mais velhos, como o reumatismo de que padece. Semelhantemente, somos surpreendidos pelos cabelos que começam a embranquecer e pelas rugas que despontam. Especial destaque é conferido ao olhar inexpressivo, o que, em conjunto com os restantes traços, confere à senhora um ar absorto como se nada mais esperasse da vida.

Retomemos, agora, caso de Benedita que acima convocámos. Achamos por bem salvaguardar, neste momento, o facto de esta personagem ser um caso único no tratamento dado por Saramago aos mais velhos. Por um lado, a questão levantada acima acerca do corpo da personagem envelhecido antes do tempo. Por outro lado, a antipatia que o autor assume face ao comportamento de Benedita que a reduz à figura de uma velha bruxa: astuta, cruel, implacável, obcecada pela segurança da patroa, controladora, que passa a odiar todos quantos a rodeiam apenas porque lhe parecem mais felizes. No final do romance, acaba por morrer vitimada por um estranho acidente quando, de carroça, se dirigia para sua casa.

Para as mulheres, a velhice parece ser uma fase da vida mais difícil de aceitar devido aos papéis que assumem ligados à maternidade e ao seu aspeto físico. Desta forma, ser mulher e idosa ao mesmo tempo equivale a uma espécie de dupla penalização agudizada no caso de ela ter *maus fígados*, como é o caso de Benedita. No entanto, a maioria das personagens (verdadeiramente) idosas são abordadas com simpatia, ao serem realçadas qualidades inerentes ao ocaso da vida, como a sabedoria, a experiência e o carinho que suscitam em todos os que as rodeiam, pelo que nos parece lícito concluir que o caso de Benedita constitui uma exceção à regra.

Os problemas de locomoção não constituem, *de per si*, uma marca definitiva de velhice. No entanto, aliada a outros problemas que tendem a agudizar-se, a dificuldade de movimento dos idosos faz parte de um mal-estar geral que empurra os indivíduos para uma espécie de vida a prazo que aguarda unicamente a chegada do fim, como ilustra o caso – de entre muitos outros que poderíamos aventar – do incontornável romance *A Caverna*. Cipriano Algor, oleiro de profissão, é viúvo e tem 64 anos. Exímio comunicador, apresenta-se diante de nós como um indivíduo dececionado pela destruição dos ofícios manuais que, progressivamente, são substituídos pelas máquinas em nome de um capitalismo implacável que o destrói. Vive, pois, preso a um passado que já não volta. Porém, sendo um artista, é igualmente um sonhador, mas acaba por ser *engolido* pelo gigantesco centro comercial – a caverna – onde passa a residir e aí chega à conclusão de que o seu tempo passado – enquanto possuía a olaria – já não existe e o futuro também não tem lugar para si. As dificuldades de locomoção que exhibe são devidas à fragilidade dos ossos que, com o passar do tempo, se agravam. Não custa a Cipriano Algor admitir, por exemplo, que já não possui, pois, a robustez física de outrora e, quando chamado a executar tarefas mais duras, exclama que «[s]ó um homem a carregar e a descarregar, não sei se serei capaz, mal posso com os braços e as pernas» (SARAMAGO, 2000, p. 171). Mesmo assim, a personagem não se demite das tarefas proibitivas para a sua idade e, acompanhando o género, acabam os dois num estado de extenuação, apesar das causas que o motivaram serem diversas: «e, exaustos, mais mortos do que vivos, um por ter perdido nos lisos corredores do Centro o salutar costume do esforço físico, o outro pelas sobejamente conhecidas desvantagens da idade, chegarão finalmente a casa, quando a tarde já estiver a decair» (SARAMAGO, 2000, p. 177).

Começa, assim, a desenhar-se o perfil do idoso segundo José Saramago: um indivíduo que não escapa aos constrangimentos da idade que avança, mas que não desiste de viver e, por isso, reúne extraordinariamente forças que o agigantam face às contrariedades da vida. É, porventura, esta a mensagem que o escritor quer fazer passar a que não será alheia a sua idade aquando da publicação do romance.

A confirmar o que acabámos de asseverar, n' *O Caderno 2*, a segunda coletânea de

textos oriundos do blogue que José Saramago alimentou quase até ao último momento, que se afigura importante no que às alusões à velhice diz respeito, é na primeira pessoa que o autor refere a lenta, mas determinada, recuperação depois do seu grave problema de saúde. Esta limitação fá-lo recordar os momentos em que conseguia subir montanhas, apesar de, na altura, já ter uma idade respeitável:

Agora que as minhas pernas vão recuperando pouco a pouco a resistência e a andadura normal graças aos esforços conjuntos do dono delas e de Juan, meu dedicado fisioterapeuta, apetece-me recordar aquela tarde de maio em que, sem havê-lo pensado antes, me pus a subir a Montaña Blanca, nada confiante, ao princípio, em que conseguiria chegar lá acima. Foi isto há 16 anos, em 1993, e eu tinha então exatamente 70. (...) O vento batia-me na cara, secava-me o suor do corpo, fazia-me sentir feliz. Foi em 1993 e eu tinha 70 anos. (SARAMAGO, 2010, pp. 176-177).

Na verdade, as questões de saúde agravadas (ou provocadas) pela idade são impeditivas de projetos que vamos fazendo. Saramago refere, nesta coletânea de textos, dois casos que ilustram o que acabámos de mencionar:

O homem põe, porém são as circunstâncias as que dispõem. Depois de tantos meses saboreando por antecipação a projetada viagem a Mallorca, o encontro com amigos, o debate anunciado, eis que as razões de uma saúde que necessita ser vigiada vieram desaconselhar a deslocação (...). (...) todos os concertos e recitais de Maria João Pires a que assisti chegaram felizmente ao seu termo. Desta vez, por razões de distância e também de saúde, não poderei estar presente, dar palmas e beijar as suas mãos tão cheias de música, de humanidade, de beleza. (SARAMAGO, 2010, pp. 230-243).

Mais uma vez se confirma a tese que pretendemos defender: a figura ímpar de Saramago, um homem idoso, mas com uma energia contagiante e incapaz de se acomodar, pelo que consegue surpreender sempre, como aconteceu com a criação do seu blogue, conforme destaca o prefácio de Umberto Eco:

Curiosa personagem, este Saramago. Tem oitenta e sete anos e (diz ele) alguns achaques, ganhou o Nobel, distinção que lhe permitiria nunca mais produzir nada porque, seja como for, já tem no Panteão o seu lugar garantido (o avaríssimo Harold Bloom definiu-o como «o romancista mais dotado de talento ainda em vida... um dos últimos titãs de um género literário em vias de extinção»), eis que aparece a manter um blog onde se mete um pouco com toda a gente, atraindo sobre a sua pessoa polémicas e excomunhões vindas de muitos lados – mais frequentemente não por dizer coisas que não deve dizer, mas porque não perde tempo a medir as palavras – e talvez o faça mesmo de propósito. (SARAMAGO, 2010, pp. 13-14).

Rugas e cabelos brancos são, de entre as consequências físicas da inexorabilidade de Cronos que afetam os indivíduos, as mais vulgares. Ouvimos, em conversas banais do quotidiano, os costumados queixumes a propósito do incómodo dos cabelos brancos e das rugas que, em casos extremos, desfiguram os rostos. Tudo o que está ao alcance do ser humano é experimentado para disfarçar aquilo que muitos consideram como um flagelo.

Na robusta lista de personagens que poderíamos elencar, a este propósito, não deixamos de fazer referência inicial a Cipriano Algor, personagem de *A Caverna*. Assim, decorrente da caracterização que dele é feita pelo narrador, não lhe faltam os cabelos brancos e as rugas que lhe sulcam a face, o que ajuda a compor a imagem de um homem alquebrado pela passagem do tempo: «Aquele homem grande, de cabelos brancos e rosto castigado»

(SARAMAGO, 2000, p. 208).

As rugas são, em primeiro lugar, uma das marcas mais visíveis da passagem do tempo. Como sabemos, a ciência sempre tentou debelar os sinais da idade, oferecendo-nos cremes e intervenções cirúrgicas mais ou menos arriscadas e nem sempre eficazes. O sexo feminino parece mais sensível a este estado, que, em regra, inaugura o ocaso da vida, mas não só.

Em *Manual de Pintura e Caligrafia*, romance assumidamente autobiográfico e considerado um marco incontornável no conjunto da sua obra pelo facto de assumir uma postura maioritariamente reflexiva, José Saramago apresenta-nos o protagonista, H., um pintor à beira de completar cinquenta anos e, por isso, no limiar da velhice, como comprovam as suas palavras: «Tenho quase cinquenta anos, cheguei à idade em que as rugas deixam de acentuar a expressão, para serem expressão doutra idade que é a velhice aproximando-se» (SARAMAGO, 1998, p. 49). A obsessão pelo seu aspeto físico, que começa a mudar fruto da passagem do tempo, faz com que a personagem a isso se refira várias vezes, destacando o seu «rosto marcado já pelas rugas» (SARAMAGO, 1998, p. 89), a «mancha indistinta que vista assim faz as vezes de cara» (SARAMAGO, 1998, p. 49), ou «a pele já frouxa em certos lugares» (SARAMAGO, 1998, p. 256).

Na coletânea de crónicas intitulada *Deste Mundo e do Outro*, há espaço para Saramago tecer algumas reflexões sobre a sua pessoa, destacando marcas que nos permitem compor o retrato de um homem que, apesar de ainda não ser velho, começa a exhibir o que o caracterizará num futuro próximo. Referindo-se aos hippies (*Hip, hip, hippies!*), lamenta, ainda, o fosso que o separa da alegria e jovialidade dos mais novos:

(...) dou por mim a sofrer do mal da inveja nesta ilha que sou, povoada de algumas rugas e não poucos cabelos brancos. Povoada também de uma imortal presença a que dou o nome de esperança, e às vezes de alegria. Povoada de uma súbita comoção diante do vosso gesto que ergue uma simples flor contra as muralhas altíssimas do bom senso. Muralhas onde eu próprio, que a vós me abro e confio, estou encastrado e preso. Porque o bom senso é o bordão dos adultos, e eu adulto me confesso. (...).
Separaram-nos largos anos. De mim, não sabeis nada, e eu, de vós, pouco sei. Nem espero que depois destas palavras fiquemos a saber mais: comunicar é difícil, e se entre os seres se interpõe o tempo de uma geração – não há grande diferença entre essa distância e um diálogo de surdos. (SARAMAGO, 1997, pp. 91-92).

Como vemos, não raro deparamos com personagens que, apesar de não poderem ser consideradas velhas *tout court*, apresentam precocemente marcas de uma velhice que não tardará a chegar, e isso nota-se perfeitamente no seu aspeto físico. Neste contexto, convoquemos *As Intermitências da Morte*, romance incontornável no âmbito da produção literária saramaguiana pós Prémio Nobel que nos permitirá uma reflexão acerca da relação inequívoca entre morte e velhice. Escrito quando Saramago tinha 82 anos, o romance reflete, obrigatoriamente, a personalidade do autor, sobretudo a consciência que detém acerca da idade. Respondendo à pergunta de José Carlos de Vasconcelos – «Será que te deu especial gozo, aos 82 anos, fazer um romance em que ‘a morte’ é a personagem centralíssima?» (VASCONCELOS, 2010, p. 106) – afirma: «Deu-me gozo, deu (*risos*). Com a minha idade pode não se ter o pavor de morrer, mas há uma consciência de um limite temporal à vista. Eu não escrevi como se fosse imortal, mas tratei a morte sem a retórica do costume, sem grande eloquência, sem nenhum dramatismo.» (VASCONCELOS, 2010, p. 106). Uma *inofensiva* morte permitirá ao autor do romance tratar a problemática dos efeitos da suspensão desta situação catastrófica em áreas como a religião, ou a filosofia, por exemplo.

Numa das mais importantes obras de José Saramago – *O Ano da Morte de Ricardo Reis* – o protagonista do romance, um heterónimo de Fernando Pessoa, é um homem de

quarenta e oito anos de idade que, regressado a Portugal, após uma estadia no Brasil, vive o seu último ano de vida de forma intensa. A primeira alusão a Ricardo Reis surge quando o passageiro, oriundo do Rio de Janeiro, desembarca. Ao descrevê-lo como um «homem grisalho» (SARAMAGO, 1984, p. 14) e «seco de carnes» (SARAMAGO, 1984, p. 14), o narrador destaca a sua magreza, mas, sobretudo, o facto de já exibir bastantes cabelos brancos. Tal aparência irá coincidir com a apresentação que é feita do bagageiro que lhe carrega as malas:

Acompanha-o um bagageiro cujo aspeto físico não deve ser explicado em pormenor, ou teríamos de prosseguir infinitamente o exame, para que não se instalasse a confusão na cabeça de quem viesse a precisar de distinguir um do outro, se tal se requer, porque deste teríamos de dizer que é seco de carnes, grisalho (...), contundo tão diferentes, passageiro um, bagageiro outro. (SARAMAGO, 1984, pp. 14-15).

Mais adiante, confirma-se a sua idade: «(...) Ricardo Reis é sim este homem que está lendo o jornal com os seus próprios olhos abertos e vivos, médico, de quarenta e oito anos de idade» (SARAMAGO, 1984, p. 43). De seguida, constata-se que se encontra «na mudança da idade» (Saramago, 1984, p. 135) para, mais adiante, se ler que «é um homem quase velho» (SARAMAGO, 1984, p. 551). Mas, apesar de não ser *oficialmente* velho – o narrador chama-lhe «o médico de meia-idade» (SARAMAGO, 1984, p. 247) –, Ricardo Reis começa a preocupar-se com a melhor forma de disfarçar as marcas do tempo, mormente no que diz respeito às cãs que despontam. Deste modo, a solução parece ser pintar o cabelo e redobrar a atenção para que os cabelos brancos não voltem a aparecer, o que constituirá uma verdadeira maçada que ele, por enquanto, não estava disposto a assumir:

Ricardo Reis levantou-se, foi ao lavatório refrescar a cara, pentear-se, pareceram-lhe hoje mais brancos os cabelos das fontes, deveria usar uma daquelas loções ou tinturas que restituem progressivamente os cabelos à cor natural (...) porém fatiga-o a simples ideia de ter de vigiar o cabelo todos os dias, a ver se falta muito, se é tempo de voltar a usar a loção, compor a tinta na bacia, coroi-me de rosas, podendo ser, e basta. (SARAMAGO, 1984, p. 137).

A citação de indivíduos idosos é feita ainda em diversas crónicas que compõem o volume *A Bagagem do Viajante*, não sendo, porém, este o tema principal da maior parte dos textos publicados nos jornais «A Tarde», em 1969, e «Jornal do Fundão», nos anos de 1971-72. Neste contexto, e na impossibilidade de nos referirmos a todas as ocorrências (deixaremos esta tarefa para um eventual estudo mais aprofundado), destacaremos, a propósito das implicações físicas decorrentes do envelhecimento que, de momento, ocupam as nossas reflexões, a figura de um homem, *personagem* central da crónica intitulada *Sem um braço no inferno*. A ida a uma discoteca é associada, aqui, à descida ao inferno, tal como Dante a explicou nos seus conhecidos textos. E é precisamente nesse local que o autor depara com um homem velho que exige a sua atenção, tanto pelo seu aspeto como pela forma como se comporta:

Ali à direita, no limite da pista, dança sozinho um homem. É um velho que veste uma camisa de renda, que tem os cabelos compridos, lisos, de uma cor deslavada de louro falso, um velho que usa umas calças floridas e que dança sozinho, movendo com insolência e desafio as pernas – e um braço. (SARAMAGO, 2000, p. 208).

Como facilmente se depreende, trata-se de um homem idoso, mas que assume uma postura de quem acaba de chegar dos anos 60, como se ainda fosse um jovem. A indumentária e o facto de ter os cabelos compridos e pintados deixa adivinhar uma relação problemática com a velhice. No entanto, isso não basta para que o homem se integre no ambiente

frequentado. O facto de ter apenas um braço concorre no mesmo sentido:

O espetáculo é como um soco na boca do estômago. Aquele homem desceu todos os degraus do inferno e dança sozinho contra a beleza da juventude que o rodeia (decadente, sim, mas bela), dança contra a música, contra as luzes que o deslumbram e denunciam, dança contra as gaiolas douradas onde raparigas em transe profissional marcam o ritmo de passos que parecem iguais, mas não se repetem nunca. Dança contra si próprio, dança contra o mundo todo. (SARAMAGO, 2000, p. 208).

Na maior parte dos casos de obras que, por falta de espaço, não podemos referenciar, a caracterização que é feita dos mais velhos não dispensa nenhuma das duas marcas que, neste apartado, destacamos, como acontece com Baltasar, personagem de *Memorial do Convento*. A perspectiva que Blimunda tem das consequências da passagem do tempo sobre o seu companheiro é deveras interessante. Vejamos como ela, quando procura incessantemente Baltasar após o seu misterioso desaparecimento, explica às pessoas que encontra que o marido envelheceu nove anos desde a última vez que o vira: «(...) alguém de quarenta e cinco anos quando o deixámos além no Monte Junto, quando subiu aos ares, para sabermos a idade que vai tendo basta acrescentar-lhe um ano de cada vez, por cada mês tantas rugas, por cada dia tantos cabelos brancos.» (SARAMAGO, 2008, p. 372). Deste modo, notamos que a personagem não esquece os dois elementos que, segundo ela, poderão alterar o aspeto de Baltasar volvidos nove anos: as rugas e os cabelos brancos. No final do romance, há ainda tempo para o narrador se referir, de novo, ao aspeto de Baltasar marcado pelo tempo. Com ironia, no momento em que Blimunda o encontra na fogueira de um auto de fé, afirma: «Naquele extremo arde um homem a quem falta a mão esquerda. Talvez por ter a barba enegrecida, prodígio cosmético da fuligem, parece mais novo» (SARAMAGO, 2008, p. 373).

O decréscimo acentuado da capacidade de visão não pode ser dissociado do processo de envelhecimento que temos vindo a caracterizar. Convoquemos, a este propósito, Sigismundo Canastro, personagem de *Levantado do Chão*, romance a que já nos referimos anteriormente. Amigo de João Mau-Tempo, é igualmente um assalariado rural. Protagoniza, juntamente com os seus camaradas, a liderança de uma greve contra a opressão dos patrões e pelo direito a uma vida digna para todos os trabalhadores e suas famílias. Ao longo do romance, acompanhamos o seu envelhecimento, à semelhança do que já acontecera com João Mau-Tempo. Assim, para além de começarem a faltar-lhe alguns dentes, vai piorando a visão: «É ainda escura noite, só um olho agudíssimo, que Sigismundo Canastro já não tem, ou uma experiência de milénios, que lhe sobra, permitiriam distinguir a imponderável mudança que há na banda da nascente do dia [...]» (SARAMAGO, 2010, p. 268).

Também o agente da PIDE, Victor, personagem do já citado *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, sofre de problemas de visão que se agudizam com o passar do tempo, pelo que «a partir de certa idade os olhos deixam de poder separar o visível do invisível» (SARAMAGO, 1984, p. 385).

A perda da acuidade visual não poupa também a personagem central de *A Caverna*, Cipriano Algor, que sofre dessa limitação. Ao confundir a cor do cão vadio que começa a alimentar, a personagem comprova esta realidade:

A um oleiro de sessenta e quatro anos, com os problemas de visão que a idade sempre ocasiona e que deixou de usar óculos por causa do calor do forno, não se lhe pode censurar que tenha dito, É preto, uma vez que antes era noite e chovia, e agora a distância torna nebuloso o crepúsculo da manhã. (SARAMAGO, 2000, p. 56).

No incontornável romance de José Saramago⁵ – *Ensaio sobre a Cegueira* – considerado pela crítica como uma das melhores obras do Prémio Nobel português, destaca-se, de entre todas as personagens do romance, o *velho da venda preta*. Em termos gerais, este idoso é um homem de cabelos brancos e um pouco calvo, que usa sempre uma venda preta, que lhe tapa o espaço onde deveria ter um olho. No que diz respeito a estas e outras marcas da passagem do tempo sobre o *velho da venda preta*, o romance oferece-nos algumas passagens elucidativas. Relativamente às cataratas (o velho tinha ido ao médico marcar a operação aos olhos), o narrador afirma que «[s]ão mazelas que vêm com a idade» (SARAMAGO, 2008, p. 28).

Solidário com as suas personagens, José Saramago, a par das principais marcas do envelhecimento – os cabelos brancos, as rugas, os problemas nas articulações – refere, no volume intitulado *Cadernos de Lanzarote III*, um outro relacionado com a visão que, como sabemos, se vai perdendo com o passar do tempo:

Resultado do exame: terei de mudar de lentes. Apanhei ainda com três ou quatro disparos de laser na lente que está a substituir o cristalino do olho esquerdo, o que foi operado da catarata. Fiquei a saber que, com o passar do tempo, a íris vai perdendo um pouco da sua «pintura» natural, o pigmento desprendido deposita-se sobre a lente e começa a embaciar a visão. (SARAMAGO, 1996, p. 175).

Apesar de raramente serem referidos na obra de Saramago, os problemas de audição constituem também uma prova de que o tempo começa a exercer o seu efeito no corpo dos indivíduos. Em *Levantado do Chão*, a mulher de João Mau-Tempo, Faustina, é, à semelhança de outras personagens do romance, considerada quando velha. A primeira marca de que a vetustez chegara diz respeito à dificuldade em ouvir que começa a sentir: «(...) e Faustina Mau-Tempo, tão surda que não ouve chorar a neta» (SARAMAGO, 1980, p. 390); «entendeu tudo como se tivesse o mais agudo ouvido do mundo, ela tão surda» (SARAMAGO, 1980, p. 418).

Convirá, neste momento, centrar as nossas atenções num problema que afeta cada vez mais idosos e que se prende com a crescente perda de memória adveniente de doenças neurológicas como o Alzheimer. Quando, no romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, o narrador refere um par de personagens – dois velhos que costumam sentar-se num dos muitos miradouros de Lisboa – usados por Saramago para tecer algumas considerações acerca da problemática da velhice, tenta desmontar um dos muitos mitos associados à velhice: a perda da memória. Deste modo, quando os dois companheiros observam, com regularidade, Ricardo Reis, a sua memória permitir-lhes-á, de imediato, reconhecê-lo:

Em poucos minutos chegou Ricardo Reis ao Alto de Santa Catarina. Sentados no mesmo banco estavam dois velhos a olhar o rio, voltaram-se quando ouviram passos, um deles disse ao outro, Este é o sujeito que esteve aqui há três semanas, não precisou de acrescentar pormenores, o outro confirmou, O da rapariga, naturalmente muitos outros homens e mulheres aqui têm vindo, de passagem ou com demora, porém os velhos sabem bem do que falam, é um erro pensar que com a velhice se perde a memória, que só a memória antiga se conservou e aos poucos aflora como ocultas frondes quando as águas plenas vão baixando, há uma memória terrível na velhice, a dos últimos dias, a imagem final do mundo, o último instante da vida, (SARAMAGO, 1984, pp. 283-284).

⁵ O próprio Saramago questiona a razão de tanto sucesso obtido com a publicação desta obra:

(...) o que faz catapultar o *Ensaio Sobre a Cegueira* para um mundo de novos leitores jovens que encontram na metáfora de um «velho» as explicações sobre o estado atual do mundo? (SILVA, 2009, p. 279).

Está, assim, justificado que mesmo a memória recente parece intocável, se atendermos ao facto de os dois companheiros serem detentores de uma idade digna de respeito. No entanto, mesmo as recordações antigas, mais marcadas na memória dos indivíduos, por vezes, sofrem um processo de presentificação, o que parece constituir mais um sinal de propecta idade a ter em conta. Julgamos bastante interessante, por isso, aludirmos ao relato que H., no *Manual de Pintura e Caligrafia*, faz das desconfianças que tem quanto ao facto de estar a ficar velho por se dedicar a rememorar casos ocorridos num passado distante sobre os quais já não tinha nenhum tipo de lembrança:

Provavelmente, envelheço. Porque a vida vai cara, dá-me para recordar coisas de um passado custoso. Quererei talvez mostrar-me credor por todo o tempo da minha vida, aos meus olhos só, e isto não é bom para o equilíbrio psicológico. (...) Mas é sem dúvida sinal de envelhecimento (se os livros dizem certo) esta facilidade com que acontecimentos remotos, tão insignificantes, surgem de uma memória que eu julgaria ter perdido de vez lembrança de casos assim. Agora mesmo me recordo daquela velha hóspede (ou hóspeda) alcoólica, a quem um dia, por entre as saias das mulheres da casa, ao mesmo tempo escandalizadas e divertidas (as mulheres, não as saias), vi deitada no chão asseadíssimo do seu quarto (hoje reparo na incongruência: alcoólica, asseada), cantando e masturbando-se. (SARAMAGO, 1998, p. 171).

De facto, muitas das doenças associadas à memória permitem que o indivíduo recorde factos ocorridos há bastante tempo e tenda a esquecer o que viveu há poucos dias ou até mesmo horas, como constatámos ser regra geral. Sendo assim, o facto de, nostálgica e inesperadamente, ir buscar assuntos passados assusta H., que tem uma relação pouco amistosa com o avanço da idade.

Alabardas é uma obra que, apesar de incompleta, se revela claramente como um livro que não transpira doença nem velhice do seu autor que contava já com 87 anos. Pelo contrário, podemos afirmar que Saramago se encontra na plena posse de todas as capacidades literárias que marcaram as suas obras até ao momento. A energia criativa que originou as parcas páginas que até nós chegaram é fulgurosa e não será demasiado atrevimento da nossa parte afirmar que encontramos em *Alabardas* José Saramago no seu melhor.

Dada a dimensão reduzida do esboço do romance que até nós chegou, não surpreenderá o facto de as referências à velhice serem diminutas⁶. No entanto, aquelas que surgem merecem, na nossa perspetiva, uma alusão, ainda que breve. Para já, importará sublinhar o momento em que surge a alusão ao pai do administrador, a propósito da sua reação à conversa sobre negócios. Neste contexto, o narrador afirma que «pelo rosto do velho, de uns setenta e cinco anos ainda lúcidos e robustos, perpassou uma recordação (...)» (SARAMAGO, 2014, p. 44). Mais uma vez, Saramago insiste na ideia de que a idade não é sinónimo de decrepitude. De facto, apesar dos seus 75 anos, a personagem continua a exibir um discurso fluente e uma memória invejável, como a seguinte passagem comprova:

É curioso, acaba de vir-me à lembrança um episódio desse tempo, refiro-me à guerra civil de Espanha precisamente, em que não pensava há muitos anos (...) era então muito novo, não tinha qualquer responsabilidade de direção, mas o teu avô recomendara-me que andasse sempre com os olhos e os ouvidos bem abertos, que essa era a única maneira de aprender, (...) Que nunca é de fiar, disse o velho, é como a calma das águas profundas, aparência e nada mais. (SARAMAGO, 2014, pp. 45-46).

⁶ Se bem que, em quase todos os livros de Saramago haja uma referência, ainda que breve, muitas vezes, à velhice, não encontramos, na obra coletiva intitulada *Poética dos Cinco Sentidos – O Ouvido* (1979), nenhuma alusão aos mais velhos, constituindo a obra, deste modo, uma rara exceção.

As Pequenas Memórias é um pequeno livro de recordações da infância e adolescência do seu autor (entre os 4 e os 15 anos), resultou de um projeto que Saramago tinha engendrado na sua cabeça há mais de 20 anos. O principal objetivo da obra prende-se com a necessidade que o Prémio Nobel sentiu de mostrar aos leitores figuras e factos do seu passado para melhor compreenderem o homem em que se tornou:

Quero é recuperar, saber, reinventar a criança que eu fui. Pode parecer uma coisa um pouco tonta, um senhor nesta idade estar a pensar na criança que foi. Mas eu acho que o pai da pessoa que eu sou é essa criança que eu fui. Há o pai biológico, e a mãe biológica, mas eu diria que o pai espiritual do homem que sou é a criança que fui. (GOMÉZ AGUILERA, 2010, p. 46).

Assim, quando já tinha completado 83 anos, pôde ver o seu desejo concretizado e trata de o justificar convenientemente:

Agora, por efeito da idade, está-me a acontecer uma coisa extraordinária, ou não extraordinário, parece acontecer a toda a gente: a capacidade de recordar, de reconstituir, de certa forma redesenhar com exatidão os sítios, as pessoas, os lugares, as árvores, quase diria folha por folha, da minha infância na casa dos meus avós. (...) Se aos 80 anos a infância constitui essa espécie de alimento, se a memória nos traz tudo isso e o integras no teu dia a dia de agora... Não podemos viver sem infância. (VASCONCELOS 2010, p. 62).

A dado momento, o escritor salienta a sabedoria do velho avô, desta vez com recurso a máximas:

(...) a voz do meu avô deteve-me a meio caminho: «Trabalho que se começa, acaba-se, a chuva molha, mas ossos não parte.» Era certo. Tornei a empunhar a forquilha e, sem pressas, sem precipitações, como um bom trabalhador, terminei a tarefa. Estava encharcado, mas feliz. (GOMÉZ AGUILERA, 2010, pp. 135-136).

Como vimos, as doenças associadas à memória são, infelizmente, frequentes nos mais velhos. Uns problemas mais graves que outros, o certo é que a esmagadora maioria dos idosos tem consciência de que a sua memória começa a falhar, tal como acontece com José Saramago. Num interessante texto, editado no primeiro volume dos seus *Cadernos de Lanzarote*, define a memória como «um espelho velho, com falhas no estanho e sombras paradas: há uma nuvem sobre a testa, um borrão no lugar da boca, o vazio onde os olhos deviam estar.» (SARAMAGO, 1998, p. 31). O próprio autor tem dificuldade em precisar em que momento o texto que cita foi escrito, provando, na primeira pessoa, que a sua memória também começa a falhar: «(Excerto, com modificações, de um texto que publiquei algures, não sei quando. Ah, esta memória.)» (SARAMAGO, 1998, p. 31).

No seguimento do que temos vindo a constatar relativamente à memória dos mais velhos, que, muitas vezes, ainda consegue cumprir a sua missão, apercebemo-nos de uma crua realidade que tem a ver com a perfeita consciência que os idosos têm da passagem do tempo a que temos vindo a aludir ao longo do presente artigo. Se bem que saber que não somos novos nos permite aceitar, com relativa tranquilidade, esta realidade, a mesma perceção aporta, inevitavelmente, algum sofrimento por não podermos escapar a um destino inevitável: o fim dos nossos dias. Acreditamos que José Saramago está atento a este percurso, mesmo não o reconhecendo abertamente, o que o afeta suficientemente bastante para dele deixar referências na sua obra, como veremos de seguida.

Luís Vaz de Camões é o protagonista de uma peça de teatro que José Saramago compôs e a que deu o título *Que Farei com este Livro?*, retratando a incansável saga do poeta

para tentar publicar a sua obra-prima. Afigura-se-nos importante, na esteira do que ficou exarado até ao momento, atentar ainda na obra, mormente na personagem Ana de Sá, mãe do vate português. Septuagenária, a senhora não tem pejo em assumir a sua condição, ao receber, em sua casa, Diogo do Couto: «Entrai. E não repareis na pobreza da casa, que é de mulher velha e viúva.» (SARAMAGO, 1980, p. 48). Mais adiante, confirma o seu estado quando se assume como «uma pobre velha ignorante» (SARAMAGO, 1980, p. 51).

No romance *A Caverna*, é reforçada a ideia de que os idosos têm perfeita consciência do seu estado adveniente da passagem do tempo. O traço que julgamos importante aventar relativamente ao velho oleiro é a sua relação com o tempo. Ao caracterizar o seu genro – Marçal Gacho, guarda do Centro Comercial – na perspetiva que tem acerca do tempo, o narrador, revelando os pensamentos de Cipriano, mostra-nos que este, por ser mais velho, sabe que aquela atitude irá agudizar-se:

Marçal Gacho afastou discretamente a manga esquerda do casaco para olhar o relógio, está preocupado porque o trânsito se torna pouco a pouco mais denso e porque sabe que de aqui para diante, quando entrarem na Cintura Industrial, as dificuldades aumentarão. O sogro deu pelo gesto, mas deixou-se ficar calado, este seu genro é (...) nervoso, da raça dos desassossegados de nascença, sempre inquieto com a passagem do tempo, mesmo se o tem de sobra, caso em que nunca parece saber o que lhe há de pôr dentro (...), Como será quando chegar à minha idade, pensou. (SARAMAGO, 2000, p. 13).

Nem a real figura de D. João V, em *Memorial do Convento*, escapa à passagem do tempo. Confrontado com a duração exagerada da construção da basílica e do convento de Mafra se comparada à existência humana, o monarca, que vê ser quase impossível deixar completa a obra da sua vida pela qual será reconhecido para sempre, sente profundamente a efemeridade da vida:

Subitamente, el-rei compreende que a sua vida será curta, que curtas são todas as vidas, que muita gente morreu e morrerá antes que se acabe de construir Mafra, que ele próprio poderá amanhã fechar os olhos para todo o sempre. (...) Ora, Mafra já engoliu onze anos de trabalho, das riquezas nem se deve falar, Quem me garante que estarei vivo quando se fizer a sagração (...). (SARAMAGO, 2008, p. 299).

O mesmo pavor acomete-o mais tarde, quando começa a contar o tempo previsto para a consecução do seu projeto:

Porém, D. João V teve um pensamento negro, via-se-lhe na cara, e faz rápidas contas, mentais, com a ajuda dos dedos, Em mil setecentos e quarenta terei cinquenta e um anos, e acrescentou lugubrememente, Se ainda for vivo. E por alguns terríveis minutos tornou a subir este rei ao Monte das Oliveiras, ali se agonizou com o medo da morte e o pavor do roubo que lhe seria feito, agora acrescentando um sentimento de inveja, imaginar seu filho já rei, com a rainha nova que está para vir de Espanha, gozando ambos as delícias de inaugurar e ver sagrar Mafra, enquanto ele estaria apodrecendo em S. Vicente de Fora (...). (SARAMAGO, 2008, p. 301).

As crónicas de Saramago, reunidas no volume intitulado *Deste Mundo e do Outro*, apesar de exibirem, na sua maioria, parcas referências aos mais velhos, não deixam de os contemplar, seja como uma espécie de ilustração de tempos passados, seja para aludir à família do cronista, seja ainda para mostrar que nem o próprio escritor escapa à implacável passagem do tempo que o faz refletir nas suas consequências, apesar de ainda ter cerca de 47

anos quando escreveu estes textos.

Incontornável, neste sentido, é uma das mais conhecidas crônicas de José Saramago, «Carta para Josefa, minha avó». Comovente, a carta traça um retrato físico e psicológico de uma das mulheres mais importantes da vida do escritor que, com noventa anos, continua a ser um modelo, apesar (ou por causa) das marcas físicas da passagem do tempo que não deixa esquecer a inevitabilidade da morte que, como vimos, em diversas obras, se fortalece com a presença do implacável Cronos. Apesar de longos, os excertos que decidimos transcrever afiguram-se-nos fundamentais na compreensão do tema que preside ao nosso estudo.

A carta começa por destacar a aparência física de Josefa, bem como alguns dos elementos psicológicos que caracterizam a idosa senhora:

Tens noventa anos. És velha, dolorida. Dizes-me que foste a mais bela rapariga do teu tempo – e eu acredito. Não sabes ler. Tens as mãos grossas e deformadas, os pés encortiçados. Carregaste à cabeça toneladas de restolho e lenha, albufeiras de água. Viste nascer o sol todos os dias. De todo o pão que amassaste se faria um banquete universal. Criaste pessoas e gado (...). Contaste-me histórias de aparições e lobisomens, velhas questões de família, um crime de morte. Trave da tua casa, lume da tua lareira – sete vezes engravidaste, sete vezes deste à luz. (SARAMAGO, 1997, p. 27).

Para além do aspeto físico, alquebrado pelo excesso de trabalho e pela passagem dos anos, afigura-se-nos importante referir que a avó Josefa é apresentada, metaforicamente, como a “[t]rave” (SARAMAGO, 1997, p. 27) do seu lar e o “lume da [sua] lareira” (SARAMAGO, 1997, p. 27). Deste modo, Saramago sublinha, de novo, a importância da mulher na família. Curiosa será a referência aos sete filhos de Josefa, destacando-se o valor simbólico do número 7, recorrentemente aludido em diversas obras do autor, que, como sabemos, aponta para “a totalidade do espaço e a totalidade do tempo (...) a totalidade do universo em movimento” (CHEVALIER, 1994, p. 603) e é o “número do homem perfeito – isto é, do homem perfeitamente realizado” (CHEVALIER, 1994, p. 606). Para além disso, não esqueçamos que, de acordo com a narração bíblica, foi o sétimo o dia “em que Deus descansou após a Criação”, o que “significa como que a restauração das forças divinas na contemplação da obra concluída (...)” (CHEVALIER, 1994, p. 604). Neste sentido se compreende que a avó Josefa tenha cumprido a sua missão no mundo, dando à luz sete crianças, descansando depois de exercer aquilo que lhe competia enquanto mulher e mãe.

O segundo parágrafo da carta de Saramago destaca a instrução rudimentar de Josefa que, apesar de tudo, é suficiente para ir vivendo e parece não coartar a sua alegria. No parágrafo seguinte, o cronista afirma não compreender o facto de a avó ter passado toda a sua vida sem entender o mundo que rodeava, apesar de ser uma pessoa dotada de inteligência:

Estou diante de ti, e não entendo. Sou da tua carne e do teu sangue, mas não entendo. Vieste a este mundo e não curaste de saber o que é o mundo. Chegas ao fim da vida, e o mundo ainda é, para ti, o que era quando nascestes: uma interrogação, um mistério inacessível, uma coisa que não faz parte da tua herança: quinhentas palavras, um quintal a que em cinco minutos se dá a volta, uma casa de telha-vã e chão de barro. (...) Foste bela, dizes, e bem vejo que és inteligente. Por que foi então que te roubaram o mundo? (SARAMAGO, 1997, p. 28).

No final da carta, Saramago não deixa de se referir à tomada de consciência da avó no que toca ao seu estado e à conseqüente pena que as pessoas idosas têm de deixar o seu mundo, apesar do sofrimento experimentado ao longo dos anos, o que causa alguma incompreensão no cronista e um sentimento de culpa por não ter conseguido, de algum modo, dar-lhe o

mundo que ela merecia:

Mas porquê, avó, por que te sentas tu na soleira da tua porta, aberta para a noite estrelada e imensa, para o céu de que nada sabes e por onde nunca viajarás, para o silêncio dos campos e das árvores assombradas, e dizes, com a tranquila serenidade dos teus noventa anos e o fogo da tua adolescência nunca perdida: «O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer!»
É isto que eu não entendo – mas a culpa não é tua. (SARAMAGO, 1997, p. 28).

Assim se compreende que, mais uma vez, Saramago insista nas marcas físicas da passagem do tempo, agravadas por uma vida difícil de trabalho: «Aperto a tua mão calosa, passo a minha mão pela tua face enrugada e pelos teus cabelos brancos, partidos pelo peso dos carregos (...).» (SARAMAGO, 1997, p. 28). Continuam, deste modo, a fazer parte do envelhecimento os cabelos brancos e as rugas profundas que entram, como vimos, na composição de muitas personagens que povoam sobretudo a narrativa saramaguiana.

É com a personagem do *velho da venda preta*, no *Ensaio sobre a Cegueira*, que Saramago aborda um tema inquietante que diz respeito ao sexo na terceira idade. Como sabemos, a ideia geral que perpassa sobre o assunto certifica que a atividade sexual dos mais velhos é praticamente inexistente. É certo que as limitações são várias, como revela o excerto que, de seguida, transcrevemos, mas não incapacitantes. Trata-se do momento da narração em que a *rapariga dos olhos escuros* se envolve fisicamente com o velho:

Esta mesma rapariga, entenda as mulheres quem puder, que é a mais bonita de todas as que aqui se encontram, a de corpo mais bem feito, a mais atraente, a que todos passaram a desejar quando correu a voz do que valia, foi afinal, numa noite destas, meter-se por sua própria vontade na cama da velha da venda preta, que a recebeu como chuva de verão e cumpriu o melhor que podia, bastante bem para a idade, ficando por esta via demonstrado, mais uma vez, que as aparências são enganadoras, e que não é pelo aspeto da cara e pela presteza do corpo que se conhece a força do coração. (...) São fortunas que não andam por aí ao desbarato, às vezes é preciso ser-se velho e levar uma venda preta a tapar uma órbita definitivamente cega. (SARAMAGO, 2008, pp. 170-171).

Se, por um lado, o velho não quer ser considerado um inválido por causa da idade, por outro tem, na sua opinião, muitos motivos que o levam a executar uma espécie de autopunição, como se estivesse revoltado contra a sua condição de velho, alquebrado pelos anos. A conversa que tem com a *rapariga dos olhos escuros* é elucidativa:

Eu de mulheres sei pouco, de ti nada, e quanto a homem, para mim, ao tempo que isso vai, agora sou um velho, e zarolho, além de cego, Não tens mais nada para dizeres contra ti, Muito mais, nem tu imaginas quanto a lista negra das autorrecreminações vai crescendo à medida que os anos passam, (SARAMAGO, 2008, pp. 290-291).

Tocando num tema delicado – a impotência sexual, não raras vezes associada à idade – o narrador de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* descreve como, pela primeira vez, Ricardo Reis se sente quando, ao envolver-se fisicamente com Lídia, se apercebe de que algo de mal está a acontecer com o seu corpo:

(...) foi então que Ricardo Reis percebeu que o seu sexo não reagia, que não iria reagir, era a primeira vez que lhe acontecia o temido acidente, sentiu-se tomado de pânico, lentamente retirou a mão (...) as mãos, que ela não podia ver, tentavam excitar o sexo desmaiado, mole, oco de sangue, vazio de

vontade, e inutilmente se esforçavam, agora com violência, ou raiva, ou desespero. (...) também o sexo murcho se movia, preso, como uma alga, pela sua raiz, acenando, agora não ousava Ricardo Reis levar a mão até ele, tocar-lhe, olhava-o apenas, era como se não lhe pertencesse, qual a qual, é ele meu, ou eu é que sou dele, e não procurava a resposta, perguntar já era angústia bastante. (SARAMAGO, 1984, pp. 399-401).

Quanto ao sentimento amoroso, a perspectiva do narrador de *Memorial do Convento* é a de que não existe idade para o amor. Este cliché é visível quando se narram os encontros de Baltasar e Blimunda na barraca, onde podiam expressar com maior liberdade o seu sentimento:

Para dentro da barraca o levou Blimunda, não era a primeira vez que ali entravam a horas noturnas, ora por vontade de um, ora por vontade do outro, faziam-no quando a necessidade da carne se anunciava mais expansiva, quando adivinhavam que não poderiam sufocar o gemido, o estertor, talvez o grito (...) talvez Blimunda, não por ter puxado Baltasar para a barraca, sempre foi mulher para dar o primeiro passo, para dizer a primeira palavra, para fazer o primeiro gesto, mas por uma ânsia que lhe aperta a garganta, pela violência com que abraça Baltasar, pela sofreguidão do beijo, pobres bocas, perdida está a frescura, perdidos alguns dentes, partidos outros, afinal o amor existe sobre todas as coisas. (SARAMAGO, 2008, pp. 346-347).

A relação dos idosos com o amor nem sempre é pacífica, como temos vindo a constatar. Se bem que os investigadores tenham concluído que o sentimento amoroso não se esgota com a passagem dos anos, a verdade é que o fulgor próprio da juventude acaba sempre por ser drasticamente reduzido, ou então eliminado. Em *Claraboia*, Silvestre tem essa percepção quando depara com a afirmação do seu inquilino:

- (...) Efetivamente, gostei de muitas [mulheres], mas não amei nenhuma. Estou seco.
Silvestre sorriu:
- Aos vinte e oito anos? Deixe-me rir! Espere pela minha idade. (SARAMAGO, 1953, p. 388).

Mariana é a esposa de Silvestre e, também ela, uma personagem idosa. Casados há trinta anos, ambos têm consciência de que há muito a sua relação perdeu o ímpeto e a frescura próprios da juventude:

Nenhum deles se iludia a respeito do outro e bem sabiam que o fogo da juventude se apagara para nunca mais, mas amavam-se ternamente, hoje como há trinta anos, quando do casamento. Talvez agora o seu amor fosse maior, porque já não se alimentava de perfeições reais ou imaginadas. (SARAMAGO, 1953, p. 13).

Salvo raríssimas exceções, a vida marital dos mais velhos era em tudo desprovida de qualquer sentimento afetivo, como se prova pela descrição de uma rua povoada de casais antigos cujo comportamento contrasta flagrantemente com os seus congéneres mais jovens:

Cá fora, os últimos espetadores corriam aos lugares vazios dos elétricos. Pares de casados de fresco, muito agarrados... Casais de pequenos burgueses com dezenas de anos de sagrado matrimónio, ela atrás, ele adiante. Não mais que meio passo os separava, mas esse meio passo exprimia a distância irremediável a que se encontravam um do outro. E eram, maduros e burgueses, o retrato antecipado dos noivos cuja aliança de casamento tinha ainda o brilho da novidade. (SARAMAGO, 1953, p. 272).

No final do excerto que transcrevemos, notamos que, irremediavelmente, todos os casais irão, mais tarde ou mais cedo, comportar-se como os burgueses. A descrença no amor que perdura até à morte está patente nesta obra temporã de Saramago e contrasta claramente com textos posteriores.

A terminar as nossas breves reflexões sobre o amor dos mais velhos, convirá destacar a bela história de amor de Faustina e João Mau-Tempo, personagens de *Levantado do Chão*, que perdurou até à separação dos dois pela morte. Assim, no final da obra, João Mau-Tempo, marcado pela passagem do tempo, adocece e, no dia da sua morte, que, após o internamento necessário no hospital, ocorrerá em casa, «não é que seja um morrer diferente, mas decerto vai ser outra serenidade» (SARAMAGO, 1980, p. 453). Apesar de tudo, a morte não será solitária, amparada por Faustina, sua mulher, que, mesmo na velhice, prova o seu amor – ou serão unicamente as obrigações de esposa que aqui a impelem a agir, como pretende Saramago demonstrar? – por João Mau-Tempo nos últimos momentos da vida deste:

Faustina dorme em cima da arca, foi teimosia sua, para ficar o marido à vontade na cama do casal, e nenhum perigo há de que esta mulher se esqueça das suas obrigações, em toda a noite, dando neles o luzeiro da lareira mortícia ou a lamparina de azeite, se lhe veem brilhar os olhos tanto, são compensações. Mas se adormecer e for a dor de João Mau-Tempo tanta que a não possa suportar sozinho, lá está o cordel que liga o pulso direito do homem ao pulso esquerdo da mulher, não era agora, tão velhos, que iriam ficar separados, é só puxar e sai Faustina do seu levíssimo sono, levanta-se vestida e vem à cama, no seu grande silêncio da surdez, agarra a mão do marido, e como não pode fazer mais nada diz-lhe boas palavras, nem toda a gente se pode gabar de tanto. (SARAMAGO, 1980, pp. 454-455).

Assim, depois de o marido morrer, as saudades não deixam de a acompanhar, ao recordar os bons momentos que ambos passaram juntos.

A relação próxima da velhice com a morte é, por ser óbvia, recorrentemente assinalada por José Saramago nos seus escritos. O próprio escritor reflete, deste modo, acerca do fim da vida:

Não sei como será a morte. Quando penso que tenho, evidentemente, a idade que tenho e que não vou viver mais 84 anos, o que acima de tudo me afeta é pensar que já não estarei. Não é o facto em si mesmo de morrer, ele acabou-se. É saber que eu já não vou estar. E esse «não vou estar» significa que não vou estar aqui. Que não vou estar em nenhum lado onde ela [Pilar del Río] estiver. Isso, sim, afeta-me... (GOMÉZ AGUILERA, 2010, p. 185).

Em *Deste Mundo e do Outro*, numa das mais belas crónicas de Saramago – «O grupo» –, é feita uma reflexão profunda e sentida sobre a velhice que resume perfeitamente a noção que o autor tem do ocaso da vida, numa fase da sua existência que prepara o seu advento. Acreditamos não serem necessários comentários adicionais à transcrição que decidimos apresentar de seguida por julgarmos perfeitamente claras as palavras do escritor cruas e realistas:

Há também a velhice e a morte. Aqui está o espelho e a sua linguagem. Aqui está o braço que já não cinge com a força antiga. Aqui está o coração que começa a recusar a ladeira. Aqui está a dor surda que anuncia o irremediável. Aqui está o tempo e o fim do tempo. Do nosso. (...) Aqui está pois a velhice e a morte. Diante deste medo estaremos sozinhos. É a nossa batalha particular, aquela em que, no fundo, mais arriscamos, porque é o corpo que está em jogo, o corpo que perde a frescura e o vigor, a beleza, se a tinha – a máquina esplendorosa, feita para a luz e que a luz abandona. (SARAMAGO, 1997, p. 130).

Na mesma obra, lemos que, no cumprimento do seu destino, ao homem idoso nada mais resta que esperar a inevitabilidade da morte e é precisamente esta situação destacada no final da crónica intitulada «O meu avô, também». Depois do desaparecimento, apenas a memória dos entes queridos permanece indelével:

Mas a imagem que me não larga é a do velho que caminha sob a chuva, obstinado e silencioso, como quem cumpre um destino que nada pode modificar. A não ser a morte. Mas, nesta altura, este velho, que é meu avô, ainda não sabe como vai morrer. Ainda não sabe que poucos dias antes do seu último dia vai ter a premonição (perdoa a palavra, Jerónimo) de que o fim chegou, e irá, de árvore em árvore do seu quintal, abraçar os troncos, despedir-se deles, dos frutos que não voltará a comer, das sombras amigas. Porque terá chegado a grande sombra, enquanto a memória o não fizer ressurgir no caminho alagado ou sob o côncavo do céu e a interrogação das estrelas. Só isto – e também o gesto que de repente me põe de pé e a urgência da ordem que enche o quarto aquecido onde escrevo. (SARAMAGO, 1997, pp. 30-31).

Apesar de ter vivido tanto, Saramago insiste na constatação de que já não tem muito tempo para concretizar o que deseja e, apesar de tudo o que fez, considera que foi pouco:

Estar sentado frente ao mar. Pensar que já não restam muitos anos de vida. Compreender é apenas uma questão pessoal, que o mundo, esse, não será feliz nunca. Recordar o que se fez e achá-lo tão pouco. Dizer: «Se eu tivesse mais tempo...» – e encolher os ombros com ironia porque são palavras insensatas. (SARAMAGO, 1997, p. 338).

Sabemos que, no romance *As Intermittências da Morte*, Saramago aborda a questão da suspensão da morte e suas consequências maioritariamente sociais (que trataremos com detalhe mais adiante). O episódio que pretendemos destacar neste momento diz respeito ao estado de saúde da rainha-mãe. A respeitável senhora é apresentada numa fase terminal da sua vida e ninguém consegue fazer nada por ela. No entanto, a personagem é uma das beneficiárias das intermitências, *in extremis*, da morte, pois, como por milagre, conseguiu recuperar:

Um caso sobre todos interessante, obviamente por se tratar de quem se tratava, foi o da idosíssima e veneranda rainha-mãe. Às vinte e três horas e cinquenta e nove minutos daquele dia trinta e um de dezembro ninguém seria tão ingénuo que apostasse um pau de fósforo queimado pela vida da real senhora. (...) a família real (...) esperava com resignação o derradeiro suspiro da matriarca, talvez umas palavrinhas, uma última sentença edificante com vista à formação moral dos amados príncipes seus netos, talvez uma bela e arredondada frase dirigida à sempre ingrata retentiva dos súbditos vindouros. E depois, como se o tempo tivesse parado, não aconteceu nada. A rainha-mãe nem melhorou nem piorou, ficou ali como suspensa, baloiçando o frágil corpo à borda da vida, ameaçando a cada instante cair para o outro lado, mas atada a este por um ténue fio que a morte, só podia ser ela, não se sabe por que estranho capricho, continuava a segurar.

(...) mas a verdade é que a habitual parte médica distribuída pelo gabinete de imprensa do palácio aos meios de comunicação social não só assegurava que o estado geral da real enferma havia experimentado visíveis melhoras durante a noite, como até sugeria, como até dava a entender, escolhendo cuidadosamente as palavras, a possibilidade de um completo restabelecimento da importantíssima saúde. (SARAMAGO, 2012, pp. 12-13).

Mais adiante, Saramago aborda a questão da falta de qualidade de vida de quem não morreu e se encontra num estado vegetativo. A alusão a temas fraturantes, como o da eutanásia, é uma das características do escritor português que, deste modo, pretende levar o leitor a refletir sobre ela e a tomar um partido. O caso da rainha-mãe encontra-se ao serviço deste expediente. Deste modo, ficamos a saber que a monarca poderá libertar-se do seu estado unicamente pela morte:

Perguntarei a sua majestade que prefere, se ver a rainha-mãe para sempre agonizante, prostrada num leito de que não voltará a levantar-se, com o imundo corpo a reter-lhe indignamente a alma, ou vê-la, por morrer, triunfadora da morte, na glória eterna e resplandecente dos céus. (SARAMAGO, 2012, p. 20).

Corroborando o que acima ficou dito, Fernando Gómez Aguilera afirma, sobre este romance, que o mesmo permitiu a Saramago conjecturar sobre vários assuntos atuais, inclusive acerca velhice que, como sabemos, se relaciona de perto com o fim da vida:

O autor aproveita a reflexão sobre a fatalidade da morte, sobre a sua conveniência funcional, para examinar, pela mão da ironia e, por momentos, do sarcasmo, determinados aspetos da existência contemporânea (velhice, egoísmo, política, negócio funerário), enquanto elabora a sua particular teoria do caos da imortalidade aplicando o instrumento cartesiano da razão com a finalidade de mostrar quais seriam os efeitos concretos da ausência de morte num país indeterminado, submetido ao rigor da sua análise. (GOMÉZ AGUILERA, 2013, p. 52).

Nos *Cadernos de Lanzarote I*, confrontado com a aproximação da morte, antecipada, muitas vezes, devido a doenças, Saramago tem alguma dificuldade em digerir tal estado, sobretudo se as pessoas em causa são próximas. Se bem que esta situação mexe com qualquer pessoa, com os idosos acreditamos ser mais intensa a experiência, uma vez que estes não esquecem que estão bastante mais expostos a algo semelhante. A propósito dos últimos dias de Armindo Rodrigues, o diarista assume os seus sentimentos desta forma:

Morreu o Armindo Rodrigues. A última vez que o vi foi no Hospital de Santa Maria (...). Já era quase um fantasma do homem robusto que eu conhecera, mas a força da mão que durante todo o tempo que ali estive prendeu a minha, estava ainda intacta. (...) Depois, para minha vergonha, não tornei a lá ir. Dava a mim mesmo a desculpa do costume: que me doía ser testemunha da decrepitude a que chegara um homem que havia sido, até aos últimos anos da sua vida, a própria imagem da inteireza moral e da coragem física. (...) Ainda vou continuar por cá algum tempo, até que chegue a minha vez de saber quantos dos meus amigos de hoje desertarão por os seus corações, tão sensíveis quanto o meu, não poderem suportar verme num estado que... Etc., etc., etc. ... (SARAMAGO, 1998, p. 87).

Este receio latente de acabar a vida de repente vai ser retomado por Saramago, mais adiante, desta feita refletindo sobre a incapacidade de ter tempo para escrever o que desejava. Toda esta situação resultou do facto do escritor, que nunca escrevera mais do que um livro de cada vez, ver-se agora a braços com três obras, concluindo o seguinte:

Fosse eu supersticioso, e começaria a duvidar se uma tão súbita e radical mudança de uns procedimentos que pareciam irremovíveis, não seria, simplesmente, a naturalíssima consequência de um medo até agora mais ou menos inconsciente: o de já não ter tempo para escrever todos estes livros, um por um, sem pressas, como quem ainda tem por diante a vida toda. (SARAMAGO, 1998, p. 98).

A aceitação da inevitabilidade da morte constitui um passo importante para se conseguir a tranquilidade. É esta filosofia de vida que Saramago abraçou, conforme atestam as suas palavras ainda a propósito das consequências da grave doença que quase o aniquilou:

(...) admiti como algo muito natural que não sairia daquela situação. Ou pior, que sairia para ir para o outro lado... Agora, o que para mim foi surpreendente foi a serenidade, a tranquilidade com que aceitei sem medo e sem angústia a hipótese de não sobreviver à doença. E essa serenidade e essa tranquilidade não me reconciliou com a ideia da morte, porque não há como reconciliar-se com a ideia da morte, mas ajudou-me a contemplar esse facto como algo natural. E ainda por cima não podia fazer nada contra ela. (SILVA, 2009, p. 333).

Refeito da terrível doença, apenas resta ao escritor viver o final da sua vida ao máximo:

Agora, viverei o que faltar. Viver aquilo que ainda tenho para viver e que com esta idade não pode ser muito, mas vou tentar por duas, três ou quatro razões vivê-los bem. Não é viver na farrá porque nunca fui disso, viver bem como tenho vivido com a Pilar que foi algo que eu não podia esperar que me sucedesse. Nunca pensei que pudesse acontecer quando eu tinha 63 anos e ela 36! Como é que aos 63 anos ainda se espera que aconteça alguma coisa? Já não se espera muito, mas aconteceu... Continuar com o meu trabalho, vou pôr-me a escrever o livro, ver até onde irei e lá chegará o momento em que sinta que não terei nada para dizer e nessa altura é melhor então calar-me. (SILVA, 2009, pp. 336-337).

A mesma ideia é reforçada na entrevista que concedeu a José Carlos de Vasconcelos, falando da relação com Pilar:

Muitas vezes estamos sós. Vivemos há 16 anos, mas é como se vivêssemos há muito mais, porque estamos sempre juntos, não há isso de cada um ir para o seu trabalho, estamos juntos aqui ou quando viajamos. Então, como hei de dizer?, encontrei a pessoa de que precisava. Com 63 anos, quando já não se espera nada, encontrei o que me faltava para passar a ter tudo. (VASCONCELOS, 2010, p. 72).

A enfermidade de Saramago fê-lo, pois, adquirir uma visão diferente do estado do homem face a mundo e à inevitabilidade da morte, como atestam as suas palavras:

[A doença] [d]eu-me uma espécie de serenidade pessoal e a consciência (...) que temos de morrer. Se os outros todos antes também morreram nós também morreremos, mas uma coisa é pensá-lo assim e outra é vê-lo diante dos olhos. E isso em lugar de criar o fazer nascer em mim atitudes de desespero teve o efeito contrário. Eu tinha consciência da gravidade do meu estado, mas isso serviu-me para... Eu sempre tive uma tendência muito forte para a relativização das coisas e a doença levou-me a consolidar – não para um ponto de vista cético, como tudo é relativo e não vale a pena a gente estar a preocupar-se muito. (...) Não há ninguém (...) que se resigne à ideia de que terá de morrer, mas a mim trouxe-me uma serenidade que meses passados (...) se mantém. E esta serenidade é muito agradável. (SILVA, 2009. P. 369).

Aquando da sua doença, já relatada na anterior edição (*O Caderno*, 2009) e retomada agora n' *O Caderno 2*, Saramago tem consciência do seu estado de saúde depauperado, pelo que se considera uma sombra do que foi e desejava esquecer o que passou:

Poucos dias antes da minha entrada no hospital, em novembro de 2007, vieram aqui para que eu gravasse uma declaração. Aviso já que não sou o José Saramago, mas o seu fantasma. Não há outras imagens tão chocantes de mim nesse período. Quase me apetece pedir que as eliminem, mas o vivido, vivido está e não se deve negar. (SARAMAGO, 2009, p. 40).

A propósito de um sonho, o *blogger* relembra, mais uma vez, a sua doença e as marcas profundas que a mesma deixou mesmo no seu pensamento: «[...] a doença que há um ano e tal esteve a ponto de levar-me deu uma volta à minha cabeça, desarrumando as memórias e voltando a arrumá-las por outra ordem e poderá ter sido, também ela, a responsável por este insólito sonho.» (SARAMAGO, 2009, p. 96).

Sabemos que à velhice não são alheios certos achaques que, por vezes, podem revestir contornos graves. Conhecemos o parecer de médicos e especialistas, de familiares e amigos, quando os problemas de saúde tocam os nossos entes queridos. No entanto, raramente conhecemos o testemunho de quem, perfeitamente consciente do seu estado, tem coragem para partilhar o que sentiu nos momentos de aflição. É o que faz Saramago, num texto intitulado «Um ano depois», incluído n' *O Caderno*, sobre a grave doença que quase o condenou à morte:

«Morri» na noite de 22 de dezembro de 2007, às quatro horas da madrugada, para «ressuscitar» só nove horas depois. Um colapso orgânico total, uma paragem das funções do corpo, levaram-me ao último limiar da vida, lá onde já é tarde de mais para despedidas. Não recordo nada. Pilar estava ali, estava também Maria, minha cunhada, uma e outra diante de um corpo inerte, abandonado de todas as forças e donde o espírito parecia ter-se ausentado, que mais tinha já de irremediável cadáver que de ser vivente. São elas que me contam hoje o que foram aquelas horas. Ana, a minha neta, chegou na tarde do mesmo dia, Violante no seguinte. O pai e avô ainda era como a pálida chama de uma vela que ameaçasse extinguir-se ao sopro da sua própria respiração. Soube depois que o meu corpo seria exposto na biblioteca, rodeado de livros e, digamo-lo assim, outras flores. Escapei. Um ano de recuperação, lenta, lentíssima como me avisaram os médicos que teria de ser, devolveu-me a saúde, a energia, a agilidade do pensamento, devolveu-me também esse remédio universal que é o trabalho. Em direção, não à morte, mas à vida, fiz a minha própria «Viagem do Elefante», e aqui estou. Para vos servir. (SARAMAGO, 2009, p. 145).

É tempo de terminarmos a nossa investigação sobre a obra édita de Saramago, detentora de uma riqueza ímpar, o que permite um sem-número de abordagens, sendo a que apresentámos um simples exemplo do que poderemos fazer ao tratarmos os textos do Prémio Nobel português. Face ao que constatámos ao longo destas páginas, coloca-se-nos a seguinte questão: Afinal, o que significará, exatamente, envelhecer na perspetiva de José Saramago? Como tivemos oportunidade de ressaltar, a resposta a esta pergunta não é simples, apesar, de à primeira vista o parecer. Não obstante, algumas certezas poderão ser adiantadas.

Uma das mais importantes diz respeito ao facto de José Saramago nos ter mostrado que os conceitos de *velhice* e de *oportunidade* poderão, afinal, ser tidos como sinónimos. Onde os outros veem tristeza, desânimo, o encerramento de uma vida, o escritor vislumbra novas aprendizagens, projetos de vida, relacionamentos intensos e uma criatividade excepcional que em nada se distingue da que todos nós mais ou menos sentimos quando somos jovens. À semelhança do que muitos dos citados estudiosos concluíram, o idoso terá de ser entendido como um indivíduo em desenvolvimento e esta evolução não tem de ser sempre negativa. Tudo se resume, afinal, a uma noção de ponto de vista acerca do mundo e do que nele ocorre. Nesta perspetiva, tivemos oportunidade de deparar com indivíduos (reais ou fictícios) que, afastados do mundo por diversos motivos, se sentem à deriva, sem rumo,

acabando por, com esta atitude, antecipar a inevitável morte. No sentido inverso, não podemos deixar de referir muitas outras pessoas, felizmente a maioria, inclusivamente o criador de todas elas, que não esmorecem e conseguem debelar o impacto negativo que a velhice normalmente pressupõe. Encontrámos, deste modo, indivíduos que continuam a sentir-se úteis, que conseguem potenciar os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, transmitindo-os aos mais novos, com uma sabedoria ímpar, que não se aprende na escola, como é o caso dos avós de Saramago.

Mas nem todos pensam assim. A nossa sociedade ainda está presa a uma abordagem tradicional da velhice. Neste sentido, não lhe é indiferente sermos velhos ou novos e parece que todos esperam que desempenhemos determinados papéis de acordo com a idade que exibimos. Passamos, assim, a interessar cada vez menos à medida que a idade avança. Ora, é contra esta constatação que Saramago lutou, ao fazer prova de que não deverá ser a idade o único fator determinante da utilidade ou não dos idosos. Seja como for, a sociedade portuguesa continua, como vimos, a revelar uma imagem negativa dos mais velhos enquanto grupo social, associando-lhes epítetos como *inúteis*, *doentes* ou *incapazes*. Por outro lado, valoriza-se a juventude, dando-se atenção a tudo o que é novo e a mudança é um estado privilegiado. A beleza e a vitalidade são preferíveis à experiência que a idade promove. Contra esta atitude insurge-se veementemente Saramago. Neste sentido, parece-nos lícito afirmar que o retrato que dos idosos é feito pelo escritor poderá resumir-se ao seguinte: indivíduo experiente, dotado de uma calma que advém do profundo conhecimento do mundo; marcado fisicamente pela passagem do tempo, não exhibe qualquer marca de beleza que possa cativar os outros. Porém, mesmo alquebrado pela doença, ou desamparado pela sociedade que o vê como um fardo, o idoso terá motivos para se orgulhar da vida que levou e do contributo que deu para o desenvolvimento da sociedade e para a educação das gerações mais novas. É evidente que Saramago não deixa de aludir aos aspetos negativos de alguns idosos, dado que a sua intenção de caracterizar realisticamente os mais velhos assim o obriga. Mas destes não fala muito, dando razão ao velho provérbio segundo o qual «dos fracos não reza a História».

A observação da biografia de José Saramago revela-nos que as melhores coisas da sua vida aconteceram quando o escritor era já considerado um idoso. Tal facto deverá levar a sociedade a refletir sobre a importância dos mais velhos e repensar se o fim da vida não será apenas um recomeço.

José Saramago deixou-nos este legado. Compete a cada um de nós tê-lo em consideração.

Referências

AA. VV.. *Palavras para José Saramago*. Lisboa: Fundação José Saramago e Editorial Caminho, 2011.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema, 1994.

GOMÉZ AGUILERA, Fernando (Ed.). *José Saramago nas suas Palavras*. Lisboa: Editorial Caminho, 2010.

SARAMAGO, José. *A Bagagem do Viajante*. 7.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

_____. *A Caverna*. 3.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

_____. *Alabardas*. 1.^a ed. Porto: Porto Editora, 2014.

_____. *As Intermitências da Morte*. 6.^a ed. Lisboa: Leya, 2012.

- _____. *As Pequenas Memórias*. 1.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.
- _____. *Cadernos de Lanzarote*. Diário I e Diário II. 1.^a ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.
- _____. *Cadernos de Lanzarote*. Diário III e Diário IV. 1.^a ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.
- _____. *Claraboia*. 1.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2011.
- _____. *Deste Mundo e do Outro*. 4.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
- _____. *Ensaio sobre a Cegueira*. 15.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.
- _____. *Levantado do Chão*. 19.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2010.
- _____. *Manual de Pintura e Caligrafia*. 5.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.
- _____. *Memorial do Convento*. 44.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.
- _____. *O Caderno*. 1.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.
- _____. *O Caderno 2*. 1.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2010.
- _____. *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. 20.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2011.
- _____. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. 33.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2013.
- _____. *Os Poemas Possíveis*. 4.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.
- _____. *Provavelmente Alegria*. 4.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.
- _____. *Que Farei com este Livro?* 3.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.
- _____. *Terra do Pecado*. 10.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2010.
- _____. *Todos os Nomes*. 1.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
- _____. *Viagem a Portugal*. 23.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2011.
- SEIXO, Maria Alzira. *O Essencial sobre José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
- SILVA, João Céu e. *Uma Longa Viagem com José Saramago*. Porto: Porto Editora, 2009.
- VASCONCELOS, José Carlos de. *Conversas com Saramago*, (Suplemento do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*). Lisboa: 2010.

